

Na Cabeça de Pedro Nuno

Ana Sá Lopes

Na Cabeça
de Pedro Nuno

Índice

Agradecimentos	9
O miúdo adorado pelas senhoras da cantina	11
A dura luta (também contra o PS) pelo casamento <i>gay</i>	39
O líder da guerrilha contra o segurismo	55
A ruptura com António Costa	87
TAP, o veneno quase fatal	127
Geringonça, tempos de esperança	147
Notas	158

© 2024, Livros Zigate e Ana Sá Lopes

Livros Zigate

Av. 5 de Outubro, 42, 1.º Esq.
1050-057 Lisboa

livroszigate@zigate.pt

Título: *Na Cabeça de Pedro Nuno*
Autora: Ana Sá Lopes
Revisão: GoodSpell
Composição e capa: Pedro Serpa
Fotografia da capa: Ana Brígida

1.ª edição: Fevereiro de 2024

ISBN 978-989-35478-0-9
Depósito Legal n.º 526284/24

Ao Manel, meu filho

Aos meus pais, Luís e Nininha

Agradecimentos

Um agradecimento especial ao Manuel Esteves e ao Pedro Vaz, que foram uma ajuda preciosa, nomeadamente disponibilizando os seus arquivos, para a produção deste livro.

**O miúdo adorado
pelas senhoras da cantina**

Em Junho de 2011, depois das eleições que Passos Coelho venceu, estive em Londres com uns amigos. Uma noite, depois de jantarmos num restaurante tailandês e da passagem por um bar onde bebi o mais perfeito *Cosmopolitan* de que tenho memória, acabei em casa de um amigo dos meus amigos.

Foi antes das cinco da manhã. O dia começava a nascer em Stoke Newington, um bairro muito bonito onde as casas só têm três andares. No Verão de Londres, a alvorada acontece ainda a meio da noite, pelo menos da noite de alguns.

Nessa madrugada de Junho de 2011 falou-se de política — Portugal ia entrar no programa da *troika* e todos esperávamos o pior. Mas também de muitas outras coisas; de música popular brasileira, por exemplo.

Subitamente, porém, no meio do burburinho mais ou menos alegre, diz o dono da casa: «O Pedro Nuno Santos vai ser secretário-geral do PS.» Eu não conhecia Pedro Nuno Santos, para lá de saber que fora secretário-geral da JS. Aquela frase, dita com uma certeza absoluta, pareceu-me um absurdo.

António José Seguro viria a ser eleito secretário-geral do PS no mês seguinte — Julho de 2011 — em eleições directas convocadas depois de José Sócrates se ter demitido na noite em que foi derrotado pelo PSD.

Quem era Pedro Nuno Santos? Quais as suas qualidades para sonhar ascender ao mais alto cargo do poder socialista?

Nunca me esqueci dessa noite na casa de Stoke Newington e da certeza com que Nuno Teles, o nosso anfitrião

que fazia nessa altura o doutoramento em Economia na SOAS (School of Oriental and African Studies), declarava: «O Pedro vai ser secretário-geral do PS e vai conseguir unir a esquerda.»

Se a hipótese de o tal «Pedro» vir a ser secretário-geral do PS já me parecia suficientemente estranha, a ideia de «unir a esquerda» não era, em 2011, algo minimamente credível entre os jornalistas que cobriam a política nacional. E, provavelmente, para nenhum cidadão português.

Só quatro anos depois dessa noite em Londres António Costa «derrubaria o muro» e, com a ajuda de Pedro Nuno, futuro pivô das negociações, daria forma à «geringonça» — o Governo minoritário do PS apoiado pelo Bloco de Esquerda e pelo PCP.

E, no entanto, ao anunciar a certeza de que Pedro Nuno Santos viria a ser secretário-geral do PS, Nuno Teles falava com uma estranha convicção que não era exactamente a dos adivinhos que lêem o futuro nas folhas de chá.

Nuno Teles fazia e faz parte do núcleo de amigos íntimos de Pedro Nuno Santos. Tinham sido colegas no ISEG (Instituto Superior de Economia e Gestão), onde começou a amizade entre eles, que passou sempre por discutir política, embora sejam de esquerdas completamente diferentes. Em 2011, o economista ainda era militante do Bloco de Esquerda, partido que depois abandonaria.

Hoje, Nuno Teles é professor de Economia Internacional na Universidade Estadual da Bahia, em Salvador, Brasil. Como «adivinhou» então, em 2011, que Pedro Nuno Santos viria ser secretário-geral do PS?

Cumprida a profecia que fizera há 12 anos, Nuno Teles justifica assim as certezas que já tinha na altura: «O Pedro Santos é muito bem-sucedido nos seus objectivos. Aquilo a que ele se propõe, ele consegue.» Nuno Teles diz «Pedro Santos». Na Faculdade, o actual secretário-geral do PS era «Pedro Santos». «Pedro Nuno» foi o nome pelo qual ficou conhecido na JS. Quando concorreu pela primeira vez a secretário-geral da Juventude Socialista, Pedro Nuno San-

tos enviou uma carta a todos os militantes em que assinava simplesmente «Pedro Nuno». A moção global de estratégia («Uma JS») estava assinada pelo candidato «Pedro Nuno». O *site* da candidatura era www.pedronuno.org.

Na recandidatura de 2006, as coisas mudaram: a JS percebeu que o secretário-geral da organização precisava de ter apelido, ou nome de família. A moção global de estratégia, que se chamava «Por uma Jota socialista!», já era do candidato a secretário-geral «Pedro Nuno Santos».

A verdade é que, à semelhança do actual presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa — que sempre foi «o Marcelo» —, o secretário-geral do PS é um dos raros políticos portugueses conhecidos por nomes próprios, no caso dele por dois: «Pedro Nuno».

A personalidade extrovertida, muitíssimo sociável, já era uma característica de Pedro Nuno enquanto jovem estudante. «Ele consegue falar com toda a gente. É uma capacidade que tem. O Pedro Santos era adorado pelas senhoras da cantina», conta Teles.

*

Jorge Ferreira, o fotógrafo do PS, avisa o vice-presidente da bancada socialista, Pedro Delgado Alves, velho camarada de Pedro Nuno e que também chegou a ser secretário-geral da JS: «Diz-lhe que tem de se sentar na primeira fila.»

Pedro Delgado Alves envia uma mensagem a Pedro Nuno Santos: quando entrar não pode ficar na última fila — tem de vir para a primeira. Agora já é secretário-geral. Pedro Nuno Santos ainda não pensara que a eleição implicava uma mudança de lugar no Parlamento.

É a primeira vez em que entra na Assembleia da República como secretário-geral do PS e a praxe manda que os presidentes ou secretários-gerais dos partidos tenham sempre assento na primeira fila. Faltam poucos minutos para as 16 horas, nessa tarde de Dezembro de 2023. Discursa o deputado do PCP Bruno Dias sobre a guerra Israel-Hamas.

O plenário está silencioso e ninguém se mexe com a entrada do novo secretário-geral do PS. É como se tivesse entrado outro deputado qualquer. Ao contrário do que acontecera aquando do regresso de Pedro Nuno Santos ao Parlamento, longos meses após se ter demitido do cargo de ministro das Infra-Estruturas, momento em que foi recebido euforicamente pelos deputados do PS, desta vez não há burburinho.

O Parlamento permanece impávido com a mudança de liderança no PS. Apenas na bancada do Chega, que fica de frente para a do PS, se esboçam sorrisos e uns apartes inaudíveis. O novo secretário-geral socialista senta-se entre o líder parlamentar Eurico Brilhante Dias e Pedro Delgado Alves e por lá permanece algum tempo, falando ora com um ora com outro.

Augusto Santos Silva, o presidente da Assembleia da República que até apoiou o candidato socialista derrotado, José Luís Carneiro, já pedira, ainda antes da entrada no plenário de Pedro Nuno, para ser substituído na condução dos trabalhos parlamentares pelo vice-presidente Adão e Silva.

Caberá a Adão e Silva, o vice-presidente indicado pelo PSD, fazer a saudação breve, protocolar, ao deputado que acabou de ser eleito secretário-geral do PS. Ninguém bate palmas. É um acontecimento convertido em não-acontecimento: afinal, o novo líder até achava que nesse dia continuaria a sentar-se na última fila, como fez nos últimos tempos, desde que retomou, em Julho, o mandato de deputado. O Parlamento, onde já se viram milhares de passagens de testemunho — se recuarmos às Cortes —, não se comove.

O sentimento na Assembleia da República parece em total consonância com o do próprio Pedro Nuno Santos quando chegou ao Largo do Rato, a sede do PS, na noite em que conquistou o partido: nenhuma euforia. O homem que sempre levantou comícios, o político «desassossegado» por definição, mostrava um estranho sossego na hora da vitória. Provavelmente, aconteceu a Pedro Nuno Santos

um fenómeno psicológico bastante comum nos momentos em que se cumprem desejos antigos. Quando se quer muito uma coisa durante muito tempo, e se atinge finalmente o objectivo, a emoção que dominou todo o processo de conquista volatiliza-se na hora h.

E foi assim. Aos 16 dias de Dezembro de 2023, Pedro Nuno Santos alcançou o lugar de secretário-geral do PS com 62% dos votos. Durante toda a sua vida política, pelo menos desde a eleição como secretário-geral da JS em 2004, pensou que mais tarde ou mais cedo alcançaria este objectivo.

As certezas de Nuno Teles, em 2011, sobre o destino de Pedro Nuno Santos são partilhadas hoje pelo deputado socialista Filipe Neto Brandão, eleito, tal como Pedro Nuno, pelo círculo eleitoral de Aveiro. Em 2011, também Filipe sabia que Pedro Nuno seria candidato à liderança do partido: «Isso é algo que o acompanha desde sempre. Todos nós sempre soubemos que ele considerava a possibilidade de se candidatar a secretário-geral.»

Para Filipe Neto Brandão, esse desejo, por parte de quem se quis candidatar à organização política de juventude do PS, era «perfeitamente natural». «Em termos geracionais, é lógico.»

No entanto, dos antigos líderes da Juventude Socialista, só António José Seguro chegou ao topo do partido. A JS deu grandes quadros ao PS, mas até Dezembro de 2023 apenas um líder. António Costa foi militante activo da organização juvenil, mas nunca secretário-geral.

O deputado Sérgio Sousa Pinto não quis ir por esse caminho, apesar de ter sido desafiado pelos seus pares. Jamila Madeira nunca foi hipótese e a sua arqui-rival (na JS), Ana Catarina Mendes, chegou a ser apontada como sucessora, mas manteve um *low profile*.

Pedro Nuno queria, efectivamente, ser líder, e desde muito cedo. Ascenso Simões, antigo deputado e director da campanha de António Costa em 2015, escreveu durante a disputa interna de 2023: «No tempo de António José

Seguro na Jota todos afiançavam, eu também, que ele iria ser líder do PS. E foi! Desde 2009 que quase todos afiançam que Santos será líder do PS, e será.» Em 2017, Ascenso Simões afirmou em entrevista ao *i*: «O futuro é o *pedro-nunismo*. Apoio.» Católico, desde sempre conotado com a ala direita do partido, Ascenso dizia, em 2017, que, «com o tempo, Pedro Nuno revelar-se-á um moderado».

*

Nuno Teles, João Rodrigues (economista, professor na Universidade de Coimbra), Manuel Esteves (economista, antigo jornalista) e José Gusmão (economista, dirigente do Bloco de Esquerda e deputado ao Parlamento Europeu) são o círculo de amigos íntimos de Pedro Nuno Santos e nenhum deles é militante do PS.

A amizade nasceu no ISEG e na Direcção da Associação de Estudantes dessa universidade, na Lista E. Nuno Teles, mais novo que Pedro Nuno, chegou depois dele ao ISEG, diz que antes da amizade veio a discussão (contínua) sobre política. Sendo de esquerdas muito diferentes, discutiam e ainda discutem muito — até hoje.

Na verdade, a «geringonça» — na quota-parte pela qual Pedro Nuno Santos é co-responsável — começa na Direcção da Associação de Estudantes do ISEG quando ele integra uma lista unitária.

«Era uma espécie de geringonça que também incluía estudantes do PSD», conta Manuel Esteves. A direcção da Lista E, da qual Pedro Nuno Santos fazia parte, não tinha presidente nem coordenador, era um grupo muito basista e associado à esquerda.

Quando Pedro Nuno Santos, na época a frequentar o segundo ano de Economia e militante da JS há cinco anos, se candidatou, eram também candidatos João Rodrigues e José Gusmão, na altura ambos militantes do PCP, Manuel Esteves e o antigo jornalista, adjunto de Fernando Medina no último Governo PS, Rui Peres Jorge, entre outros.

Em contrapartida, a gestão financeira, por exemplo, tinha elementos ligados ao PSD.

«Não havia movimentações partidárias relevantes dentro da associação. A lógica era juntar as pessoas para empoderar os estudantes e melhorar a vida na faculdade», conta Manuel Esteves.

As direcções das associações de estudantes costumavam dividir-se em «secções». No ano lectivo de 1996/1997, Pedro Nuno Santos integrou a «secção de intervenção académica». Era um período de refluxo do movimento académico, com a chegada de António Guterres ao poder, a 1 de Outubro de 1995, após dez anos de governação de Cavaco Silva.

O programa da secção de intervenção académica (à qual também pertencia o agora dirigente do Bloco de Esquerda José Gusmão, na altura estudante do 1.º ano de Economia) defendia «intransigentemente um ensino superior público de qualidade, considerando essencial que o Estado assumira as suas responsabilidades no desenvolvimento de uma política educativa e no verdadeiro apoio social aos estudantes, por forma a garantir a igualdade de oportunidades».

A secção de intervenção académica achava que os estudantes não deviam ficar circunscritos ao ambiente universitário e apelava à participação social fora dos muros do ISEG: «Outros problemas dividem a nossa sociedade para além dos estritamente relacionados com o ensino superior. A faculdade é, para nós, um espaço de aprendizagem de cidadania. Os estudantes não se podem fechar na sua escola, devem participar activamente na sociedade, contribuindo com ideias novas e com irreverência para a solução dos problemas globais.»

Quando a Lista E se recandidata, no ano seguinte, a secção de intervenção académica apresenta-se já em defesa de questões mais concretas, fora da faculdade — apela ao envolvimento dos estudantes «em acções levadas a cabo por organizações de carácter social», citando a Amnistia Internacional, a associação Abraço, o SOS Racismo,

a Frente Anti-Racista, o Banco Alimentar contra a Fome e a Quercus. Pretende também debater «a despenalização das drogas e a eutanásia».

Na recandidatura da Lista E, no ano lectivo de 1997/1998, Pedro Nuno Santos já não fez parte da secção de intervenção académica, mas é o candidato (vencedor) a presidente da mesa da RGA (Reunião Geral de Alunos). Quem se estreia, nesse ano, na secção anteriormente liderada por Pedro Nuno Santos, é o jovem caloiro Duarte Cordeiro, que mais tarde sucederá a Pedro Nuno como secretário-geral da JS e que ocupará anos depois o cargo de ministro do Ambiente do último Governo Costa. Duarte Cordeiro foi sempre, desde os tempos da JS, um *compagnon de route* e o número dois de facto de Pedro Nuno.

Pedro Nuno Santos nunca foi o protótipo do estudante boémio, que só vai a casa dormir. Com João Rodrigues, a que se junta, depois, Manuel Esteves, partilha uma cave perto da Estrela, em Lisboa, com pouca luz e bastante humidade, onde passa a maior parte do tempo, quando não está a ter aulas no ISEG ou a estudar na biblioteca.

Todas as sextas-feiras, sem falta, corre para São João da Madeira, onde viviam e vivem os pais, a namorada da época e onde se dedica à intervenção política na JS, de que se tornou militante aos 14 anos. Regressa aos domingos.

Nessa altura, era magríssimo e, segundo colegas daquele tempo, «praticamente não comia». Era habitual ir para a cantina com uns colegas e, enquanto eles almoçavam, Pedro Nuno Santos falava e deixava arrefecer a refeição. Levantavam-se os primeiros, sentavam-se outros estudantes, Pedro Nuno continuava a falar e a não comer. Muitas vezes, só se levantava da mesa acompanhado pela terceira leva de colegas. A comida não lhe interessava. O que mais o motivava era a discussão política permanente.

Pedro Nuno era muito popular na universidade devido ao feitio extrovertido. O facto de não ser tímido facilitava-lhe a comunicação com todos — tanto era visto a falar com os «queques» como com os «humildes», com os «direito-

las» ou com os «esquerdistas». No primeiro ano da faculdade foi «praxado» e atribuíram-lhe o «título» de Mister Simpatia.

Apesar de ter participado activamente nas praxes enquanto caloiro, nos anos seguintes pertenceu à Comissão Anti-Praxes do ISEG. A Direcção da Associação de Estudantes de que fazia parte permitia a praxe, mas constituiu essa comissão para impedir abusos sobre os estudantes que não aceitavam ser praxados.

Na rotina de estudante, a sua condição económica passava despercebida. Só mais tarde os amigos da universidade perceberam que Pedro Nuno Santos era, de facto, rico. Ou que, mais objectivamente, o pai de Pedro Nuno era rico.

Ele fazia a mesma vida que os outros estudantes e, em Lisboa, não exhibia quaisquer «sinais exteriores de riqueza». Todas as semanas viajava de transportes públicos para São João da Madeira. Só o fazia, porém, por lhe ser mais prático ir de comboio. Quando chegou aos 18 anos, os pais ofereceram-lhe um jipe *Nissan Patrol*, um carro de luxo para um jovem estudante. O *Patrol*, no entanto, nunca se aproximou do ISEG.

Com alguns desses amigos da faculdade — ainda hoje muito próximos —, Pedro Nuno participou na criação, em 2007, de um blogue de economia, o «Ladrões de Bicicletas». O nome «Ladrões de Bicicletas» foi inventado por ele, em homenagem ao filme de Vittorio de Sica. A declaração de princípios do blogue mostra o comprometimento político que animava — embora vindos de diferentes partidos de esquerda — os seus fundadores: «Não somos cineastas, mas economistas. Acreditamos que a economia, como o cinema, pode ser um desporto de combate.» Pedro Nuno Santos nunca escreveu um texto para esse blogue, que tinha uma linha política marcadamente à esquerda do PS. Quis, no entanto, que o seu nome se mantivesse sempre na lista de «autores», mesmo quando lhe disseram que estar ali no meio de tantos esquerdistas poderia prejudicar

as suas ambições no futuro. A justificação era de que tinha sido ele a dar o nome ao blogue.

Pedro Nuno Santos foi desde muito novo um privilegiado. O «avô sapateiro», que já tantas vezes invocou para se aproximar do povo, não era exactamente «sapateiro». A frase «sou neto de sapateiro» já fora usada em diversas ocasiões e voltou a sê-lo no discurso de candidatura a secretário-geral: «Sou neto de sapateiro e filho de empresário», repetiu na sede do PS no Largo do Rato.

A ideia que passou, da existência de um fosso de classes entre «sapateiro» e «empresário», é errada. O avô «sapateiro» era também empresário. Pequeno empresário, mas empresário. O «avô Pratas» era proprietário de uma oficina e empregava operários sapateiros. Esse avô materno não era de modo algum pessoa com dificuldades. Era «sapateiro», quando muito, por ser corrente os pequenos empresários de calçado de São João da Madeira chamarem-se entre si «sapateiros».

E é pelo facto de o «avô Pratas» não ser aquilo que todos os portugueses fora de São João da Madeira entendem como «sapateiro» que a mãe de Pedro Nuno Santos teve uma infância sem dificuldades. Como pequeno empresário da sapataria, o «avô Pratas», ainda assim, sabia arranjar sapatos e Pedro Nuno viu-o algumas vezes a trabalhar no ofício.

O pai, um empresário de sucesso, vinha de uma família com mais dificuldades. Américo Santos é um verdadeiro *self made man*. Filho de um motorista e de uma «doméstica» (como eram chamadas naquele tempo as mulheres que ficavam em casa a tratar do lar e dos filhos), começou a trabalhar muito cedo como mecânico, depois de ter tirado o curso industrial. Trabalhou na fábrica Califa, a empresa que produzia, no século xx, as famosas camisas *Vítor Emanuel*.

Foi ainda no tempo em que trabalhava na fábrica Califa que Américo Santos começou, fora do horário de trabalho, à noite, a arranjar em casa máquinas de calçado. A dada

altura, o trabalho por conta própria já não podia ser feito em *part-time* e Américo Santos deixou a fábrica de camisas e começou a investir em maquinaria para o sector do calçado de São João da Madeira. Tornou-se representante de máquinas de marcas italianas e alemãs para a indústria do calçado. Hoje, é proprietário, com um sócio, de um grupo empresarial de sucesso, a Tecmacal.

Os pais de Pedro Nuno Santos casaram-se no dia 25 de Abril de 1976 e a seguir foram votar nas primeiras eleições legislativas para a Assembleia da República, depois de a Constituição democrática ter sido aprovada semanas antes, a 2 de Abril desse mesmo ano.

Por essa altura, o pai Américo ainda era militante da FEC-ML (Frente Eleitoral de Comunistas Marxista-Leninista) e nas primeiras eleições presidenciais livres, em 1976, votaria em Otelo Saraiva de Carvalho para presidente da República. Quase um ano depois desse casamento, a 13 de Abril de 1977, nasceu Pedro Nuno.

O bebé Pedro iria cedo para a creche, logo após o fim da licença de maternidade da mãe, que trabalhava como contabilista na empresa Molaflex, uma fábrica do pai de Rui Moreira, eleito em 2013 presidente da Câmara do Porto e reeleito posteriormente em 2017 e 2021.

Andou sempre em escolas públicas — nem sequer existiam colégios privados em São João da Madeira. Foi na escola pública que começou a considerar-se um privilegiado e a interiorizar, gradualmente, a «culpa do privilégio». Na escola primária, ainda teve amigos filhos de operários. Na escola secundária, já eram muito menos — a maioria ficava pelo caminho e poucos chegavam ao «liceu».

Foi isso que levou Pedro Nuno Santos para a esquerda: a ideia de que estava bem na vida, mas a massa de filhos de operários não.

Clement Attlee, o homem que mais tempo se manteve à frente do Partido Trabalhista britânico (20 anos, entre 1935 e 1955), nascera numa família privilegiada, fizera os

estudos secundários numa escola privada, o ensino superior em Oxford e começou por ser um conservador.

O seu biógrafo, John Bew, escreve que a consciência de esquerda de Clement Attlee só apareceu depois de ele terminar a faculdade, quando decidiu ir fazer voluntariado para o East End de Londres, uma zona paupérrima no princípio do século XX. É o «moving East» — escreve Bew — que transforma Attlee num trabalhista.

Pedro Nuno Santos não precisou de sair de São João da Madeira, o concelho mais pequeno do país. Naqueles 7,98 km², a diferença de classes e meios financeiros entre filhos de empresários e de operários era notória. Pedro Nuno Santos, na adolescência, não se sentia bem com o privilégio, e a dada altura afastou-se até do grupo de filhos da burguesia de São João da Madeira, arranjando outro grupo de amigos, onde estavam miúdos mais desfavorecidos.

A adesão à JS acabou por ser um processo natural, porque o PS era o partido em que o pai votava, depois de ter cortado com os maoistas. Em casa, havia livros de Marx e também do líder do socialismo albanês, Enver Hoxha, dos tempos em que o pai andara pela FEC-ML.

Pedro Nuno decidiu aderir à Juventude Socialista quando Jorge Sampaio foi derrotado nas legislativas de 1991 e Cavaco Silva obteve a sua segunda maioria absoluta. Integrou a caravana de encerramento da campanha socialista de 1991 e depois disso preencheu a ficha de ingresso na JS. Tinha 14 anos.

Ocupou funções «políticas» na escola secundária como delegado de turma e presidente da Direcção da Associação de Estudantes. Na lista vencedora para essas eleições estudantis, quando já era o líder da concelhia da JS, fez um bloco central com o líder da JSD local, Paulo Cavaleiro, que depois seria vereador do PSD na Câmara de São João da Madeira, no tempo em que Manuel Castro Almeida foi presidente da autarquia.

A primeira «coligação» de Pedro Nuno Santos não foi à esquerda, portanto — foi um bloco central, a aliança

maldita no PS desde que nas eleições legislativas de 1985, a seguir à coligação PS-PSD liderada por Mário Soares, os socialistas acabaram quase mortos eleitoralmente, com apenas 20,8%.

Na JS, Pedro Nuno Santos subiu os degraus habituais: depois de líder concelhio, foi líder distrital. A moção de candidatura à JS/Aveiro, em Dezembro de 2000, já antecipava as linhas gerais daquelas que viriam a ser as suas moções de estratégia a secretário-geral da JS, em 2004 e 2006.

O título da moção era «E depois do Adeus!» e começava com uma citação do livro *Mapping the Western European Left*, de Perry Anderson, publicado em 1994: «Outrora, nos anos fundadores da Segunda Internacional, [a social-democracia] tinha por objectivo o derrube do capitalismo. Depois tentou realizar reformas concebidas como passos graduais para o socialismo. Finalmente, passou a ser favorável ao Estado-providência e ao pleno emprego no quadro do capitalismo. Se agora aceita a redução do primeiro e o abandono do segundo, que tipo de movimento se irá tornar?»

O «E depois do Adeus» a que se refere a moção, retomando o título de uma das canções-senha da revolução portuguesa, é uma forma de dizer adeus aos falhanços da social-democracia. «É preciso dizer adeus. É urgente retirar as devidas conclusões deste período negro e atirar para o passado uma prática política que foi um fracasso em termos da realização da sociedade mais igual, solidária, livre e justa que todos os socialistas, julgamos nós, ainda desejam.»

Para o jovem candidato a líder da JS/Aveiro (tinha então 23 anos), «só seremos sociais-democratas enquanto formos capazes de garantir emprego para todos, um Estado-providência público, universal e de qualidade, diminuir as desigualdades sociais e a pobreza, defender os direitos das minorias, [ter] um desenvolvimento ambientalmente sustentável e aperfeiçoar e aprofundar as nossas democracias».

Ou seja, não havia sociais-democratas no ano 2000 e a refundação da social-democracia continuaria a ser *leitmotiv* do candidato a secretário-geral da JS em 2004 e 2006. Uns anos antes, em 2000, já escrevia: «Essa refundação terá de passar por uma recuperação do keynesianismo. Se perdeu a sua eficácia numa base nacional, é preciso recuperá-la em termos supranacionais, o que exige que se repense a Europa em moldes completamente diferentes. Se a globalização da economia restringiu fortemente a autonomia dos Estados-nação e condenou à miséria uma parte do mundo, é urgente propor uma alternativa.»

As críticas à social-democracia vigente eram muito duras: «Os sociais-democratas, perante a falência das suas prescrições económicas e sem alternativa, abraçaram com poucas hesitações o receituário neoliberal. A hegemonia social-democrata tinha assim terminado. E agora, de forma quase acrítica, eram os partidos da Internacional Socialista que seguiam as políticas neoliberais da direita.»

As críticas à «terceira via» — um nome inventado por Anthony Giddens e que Tony Blair, eleito primeiro-ministro do Reino Unido em 1997, defendeu dever ser a nova encarnação do socialismo — serão uma constante das moções de Pedro Nuno Santos à JS. Aqui, na candidatura à JS/Aveiro, escreve: «Para além da retórica, pouco separa a ‘terceira via’ do neoliberalismo. Como diz Perry Anderson, a ‘terceira via’ é hoje a melhor carapaça do neoliberalismo.»

O ataque a uma corrente que também foi sempre muito criticada pelo fundador do PS, Mário Soares, é devastador: «A ‘terceira via’ desistiu do keynesianismo [...]. Sujeitou os Estados-providência à lógica do mercado. Enfraqueceu os mecanismos de redistribuição do rendimento, atenuando a progressividade dos sistemas fiscais [...]. Entusiasmou-se pela privatização desastrosa dos serviços públicos. Continuou a desregulamentação dos mercados de trabalho, contribuindo desta forma para transformar os trabalhadores em mercadoria à disposição do capital. Deixou-se penetrar por algum conservadorismo mora-

lista no campo social e político, como é exemplo a oposição de vários socialistas portugueses à despenalização do aborto.»

Embora tenha querido poupar, com excepção para o voto contra a despenalização do aborto, o primeiro-ministro socialista António Guterres, que estava no poder nesse Dezembro do ano 2000, mas já em evidente crise de governação, o candidato à liderança da estrutura socialista juvenil de Aveiro admitia que o «grau de adesão a este receituário variou entre os diferentes partidos da Internacional Socialista, tendo sido maior em países como Inglaterra e Alemanha e menor em países como Portugal e França».

No entanto, mesmo com matizes, «não é difícil de se chegar à conclusão de que as experiências de governação dos partidos sociais-democratas dos últimos 20 anos foram uma desilusão».

O «projecto alternativo» defendido por Pedro Nuno Santos aos 23 anos passava por «assumir a necessidade de controlar o movimento internacional de capitais, de forma a reduzir a instabilidade financeira mundial e a restituir alguma autonomia aos Estados-nação em matéria de política económica». Esse controlo deveria salvaguardar «o investimento produtivo e as exportações e importações efectivas de bens e serviços», mas teria de ser «fortemente penalizador para os movimentos de capitais especulativos».

Um elemento fundamental do «projecto alternativo» era «a adopção da taxa Tobin a nível internacional» e a «erradicação dos paraísos fiscais». As receitas da taxa Tobin (que por essa altura o jovem Pedro Nuno Santos irá defender a um congresso do PS) «reverteriam para um fundo, para a ajuda ao desenvolvimento, a ser gerido por uma organização internacional como a ONU».

Aos 23 anos — e depois, como se verá — Pedro Nuno Santos era muito crítico do desenho institucional da União Europeia e da economia liberal. «A lógica monetarista que presidiu à construção europeia teve consequências sociais e económicas profundamente negativas. As políticas e os

arranjos institucionais inspirados nessa lógica, que tinham como principal objectivo o controlo cego da inflação, traduziram-se em taxas médias de crescimento muito reduzidas e em elevadas taxas de desemprego, sendo que uma parte desse desemprego representa um carácter estrutural. Em 1999, a Europa tinha 18 milhões de desempregados que constituíam 11% da população activa, quando nos anos 70 rondavam os 3 milhões», lê-se na moção.

A ameaça aos Estados-providência estava igualmente prevista no texto com que Pedro Nuno se candidatou a líder distrital da JS: «Estas políticas neoliberais tiveram também consequências negativas nos Estados-providência que tiveram de enfrentar encargos crescentes ao mesmo tempo que as receitas fiscais diminuía. Estes estão hoje ameaçados de morte, assistindo-se já a um desmantelamento progressivo daquele que foi um dos instrumentos mais importantes no combate às desigualdades, à pobreza e à exclusão social nas décadas a seguir à Segunda Guerra Mundial.»

A defesa da reforma das políticas económicas da União Europeia já está na moção de candidatura à JS distrital: «A reforma das políticas económicas da União Europeia tem de passar obrigatoriamente pela defesa de um pacto alternativo ao PEC [Pacto de Estabilidade e Crescimento] por diversas razões. Primeiro, porque não garante a indispensável flexibilidade orçamental aos Estados-membros para que estes lidem com choques assimétricos, isto é, com choques macroeconómicos que atingem apenas alguns dos Estados-membros.»

O segundo Governo Guterres tinha nessa altura um ano, depois de ter voltado a vencer as legislativas de 1999, embora sem conseguir, por um triz, alcançar a maioria absoluta. Nessas eleições, faltou ao PS apenas um deputado. Aconteceu um raro empate, em que os socialistas elegeram 115 parlamentares, o mesmo número de mandatos de toda a oposição em conjunto.

Entretanto, ao mesmo tempo que Portugal assumia a presidência do Conselho da União Europeia no primeiro

semestre do ano 2000, os sinais de crise económica avolumavam-se. E Pedro Nuno escreve: «Num quadro em que a política monetária e cambial já não está à disposição dos Estados-membros, a política orçamental nacional poderia ser fundamental para a estabilização macroeconómica, se não estivesse restringida pelo PEC. A actual conjuntura económica que Portugal atravessa é bem elucidativa deste problema. Portugal está a passar por uma fase de abrandamento económico que deveria ser contrariada por uma política orçamental expansionista, mas o que se está a passar é precisamente o contrário. Com o objectivo de cumprir o PEC, o Governo português está a prosseguir uma política restritiva que, em vez de combater, está a agravar a situação económica que o país está a atravessar.»

Pedro Nuno, o anti-PEC, pacto introduzido a nível europeu como forma de preparação para a moeda única, expõe o seu pensamento, que não há-de variar muito nos anos seguintes. Por exemplo, porque «uma recessão grave, situação que permitiria o incumprimento do PEC sem incorrer em sanções» era definida «apenas por um indicador (queda do PIB em pelo menos 2%) igual em todos os países, ignorando assim o facto de que os países menos desenvolvidos (como é o caso de Portugal) precisam de crescer mais do que a média europeia e têm um crescimento potencial superior».

A terceira crítica ao PEC era também a circunstância de «o investimento público ou despesas em capital» contarem «para o cálculo do défice orçamental, o que mais uma vez prejudica os países menos desenvolvidos da União Europeia, já que estes são os que necessitam de maior investimento público se pretenderem convergir com o resto da União Europeia».

O «pacto alternativo» que o candidato a líder da distrital de Aveiro da JS defende «tem de ter como objectivos fundadores o pleno emprego e um crescimento económico sustentável, o que implicaria, em primeiro plano, a reforma do Banco Central Europeu [BCE]». A reforma



Na Cabeça de Pedro Nuno

foi composto em caracteres Mercury
e impresso na Eigal, Indústria Gráfica
em papel Holmen Book Ivory 80 g
no mês de Janeiro de 2024.